

"A FESTA" de Ivan Ângelo: FICÇÃO OU REALIDADE?

Célia Regina Ranzolin*

"... escrever mantendo minhas pesquisas de linguagem e contribuir para abrir a cabeça das pessoas contra as várias formas de opressão. Não apenas aquelas que surgiram em 64, mas também contra outras mais antigas, outras com as quais vivemos muito folgadoamente sem consciência."

Com esta proposta, Ivan Ângelo insere-se no quadro da Literatura Contemporânea, mais propriamente da década de 70, quando a literatura começa a surpreender pelo conteúdo marcadamente comprometido com o momento histórico do país, e a ser caracterizada pelo esvaziamento da estrutura linear que propõe ao leitor mais que um deleite, um posicionamento criador, decodificador.

Editado poucos meses depois da morte de Vlado Herzog na tortura da ditadura militar, e escrito dois anos antes da morte dele, "A Festa", no dizer do próprio autor, é um romance circunscrito a um período. Assim, a escolha do espaço e tempo do romance não foi ocasional. A ambientação proposital é Belo Horizonte no início da década de 70, e o suporte narrativo de "A Festa" está em dois fatos: o tumulto, ocorrido na Praça da Estação, com um grupo de retirantes nordestinos, e uma festa de aniversário, onde deveriam comparecer algumas pessoas envolvidas na agitação. Os fatos ocorrem quase que, paralelamente, às vésperas do aniversário da revolução, e Ivan Ângelo, da mesma forma que a polícia, interliga os acontecimentos: desenvolve uma trama complexa por onde desfilam uma galeria de personagens, capazes de representar nos seus tipos, a perdida unidade do homem, a quem roubaram horizontes, numa sociedade que mutila.

Ivan Ângelo consegue desta forma fazer com que personagens, grupos e classes retratados na narrativa, agregados todos em igual situação, num sistema que coisifica e esmaga, se tornem representativos da situação histórica que os determina. Enfocando a individualidade massificada, ele transforma o livro num romance panorâmico, que condensa em sua trama e personagens todos os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais de um Brasil que vivia sob a ameaça da repressão e do AI5.

O envolvimento da classe jornalística e estudantil com o momento político vem demonstrado em personagens como Samuel e Carlos; no grupo de retirantes nordestinos está inserido todo o problema social do nordeste; em Robertinho e Andréa afloram a degradação moral, o envolvimento com drogas e o homossexualismo; o tema literário é abordado na figura do escritor, enquanto o inconformismo frente as mudanças radicais nos princípios éticos é condensado na personagem mãe de Carlos.

* Aluna de Pós-graduação em Literatura Brasileira na UFSC.

Tal é a complexidade de formas de vida abordadas, que a narrativa impõe a ausência de herói — as personagens vão adquirindo contorno à medida que agem — impedindo a concretização da figura polarizadora. O impulso narrativo se impõe, não em nível de personagens, mas sim na ação por elas descrita. E é esta forma adotada por Ivan Ângelo que nos faz deparar com um romance diferente, onde o leitor não acompanha as peripécias de um herói, acompanha um tema o da opressão.

Mas se de um lado o livro surpreende por este aspecto de outro lado não é menos surpreendente sua estrutura e composição, que nunca aparente desordem organiza a narrativa interligando fatos que independem do tempo, e que, quando unidos, passam a formar um todo significativo. Ao texto literário insere-se o texto jornalístico, o texto da História Oficial, o discurso ideológico — tudo numa forma inovadora, enquanto representativa da sociedade que o produz. São textos, capítulos que valem por si só, como verdadeiros contos que permitem mais que um processo de leitura; são cortes temporais que remontam ao passado e desvendam o futuro.

Não menos significativa é a criatividade de Ivan Ângelo no apelo visual que faz ao leitor, pela divisão do volume em duas cores e duas partes. Enquanto a primeira parte é a ação, é um jogo de armar, onde cada peça assume um papel de ser e fazer, a segunda faz chamadas para a primeira, é um índice remissivo que ajuda o leitor a se situar no emaranhado de personagens; é praticamente uma investigação, um processo, um verdadeiro fichário policial que decifra o desenlace das personagens envolvidas na trama.

Assim, Ivan Ângelo com "A Festa" consegue um romance significativo; faz um livro que, pelas características formais inovadoras e conteúdo acentuadamente engajado, deixa o leitor sem saber onde começa a ficção e onde termina a realidade.